

A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil

ROSANE WERKHAUSEN LUERSEN

*Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (UFRGS), professora de Língua Portuguesa no Romanisches Seminar, na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha (CAU-KIEL).
Endereço para contato: rwlueresen@hotmail.com*

Resumo

O tema deste artigo é a descrição das relações de plurilinguismo e contato linguístico do vestfaliano, um dialeto do baixo-alemão, em contato com o português e outras variedades linguísticas pesquisado em dois pontos no sul do Brasil: Westfália, no Rio Grande do Sul e Rio Fortuna, em Santa Catarina. Inicialmente, é feita de uma apresentação histórico-linguística resumida da imigração alemã e vestfaliana para o sul do Brasil para, então, descrever a situação e o uso das diferentes variedades em contato nesses dois pontos, ressaltando os contextos sociais em que cada uma delas é usada pelos falantes e indicar, parcialmente, alguns fatores que parecem influenciar a manutenção e a mudança linguística nas comunidades analisadas.

Palavras-chave:

Bilinguismo, línguas em contato, vestfaliano, manutenção e mudança linguística.

A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil

ROSANE WERKHAUSEN LUERSEN

*Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (UFRGS), professora de Língua Portuguesa no Romanisches Seminar, na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha (CAU-KIEL).
Endereço para contato: rwlueresen@hotmail.com*

Abstract

The paper describes the relations of multilingualism and language contact of vestfalian, a dialect of Low German, in contact with the Portuguese and other language varieties researched in two points in southern Brazil: Westfália, in Rio Grande do Sul and Rio Fortuna, Santa Catarina. Initially, we make a presentation of historical and linguistic summary of German and Westphalian immigration to southern Brazil and then is described the situation and the use of varieties in contact in these two points, emphasizing the social contexts in which each is used by speakers and indicate, partially, some factors that seem to influence the language maintenance and language shift of the vestfalian dialect in the communities.

Keywords:

Bilingualism, languages in contact, vestfalian dialect, language maintenance and language shift.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva descrever as relações de plurilinguismo e contato linguístico do vestfaliano em contato com o português e outras variedades linguísticas faladas no sul do Brasil. O vestfaliano, variedade dialetal trazida pelos imigrantes alemães oriundos do atual estado de Nordrhein-Westfalen, estabeleceram-se no sul do Brasil em comunidades que ainda atualmente formam ilhas linguísticas¹. Encontram-se, no Brasil, ilhas linguísticas de vestfaliano sobretudo no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, englobando Teutônia, Imigrante e Westfália, que receberam os imigrantes de confissão protestante. Identificam-se também ilhas linguísticas de vestfaliano em Santa Catarina, mais precisamente nas localidades de Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Braço do Norte, São Ludgero, Armazém, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Grão Pará. Sua população, porém, descende, contrariamente ao que acontece no Rio Grande do Sul, de imigrantes vestfalianos católicos. No presente artigo, será abordada a realidade encontrada no município de Westfália, no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, onde a comunidade vestfaliana,

além do português, tem contato com o hunnrüschisch e em Rio Fortuna, em Santa Catarina, onde há essencialmente o contato português e vestfaliano. Objetiva-se apresentar uma informação histórica resumida sobre a colonização vestfaliana nessas áreas do sul do Brasil; descrever a situação e o uso das diferentes variedades em contato encontrada nesses dois pontos, ressaltando os contextos sociais em que cada uma delas é usada pelos falantes; e indicar, parcialmente, a situação de manutenção e mudança linguística do vestfaliano em contato com o português nessas comunidades a partir dos dados iniciais da coleta de dados realizada em março de 2010 em dois pontos das ilhas linguísticas rio-grandense e catarinense (Westfália-RS e Rio Fortuna-SC). A pesquisa segue a metodologia da dialetologia pluridimensional (RADTKE & THUN, 1996). O artigo organiza-se em três partes. Na primeira, é apresentada uma informação histórica resumida sobre a colonização alemã e vestfaliana no Sul do Brasil. Na segunda parte, tem-se a identificação e análise das comunidades bilíngues vestfaliano-português nessa região. Além disso, apresentam-se brevemente os principais estudos realizados em ou a partir de contextos de uso do vestfaliano em particular envolvendo a questão de sua manutenção e substituição pelo português e outras variedades

1. Por ilha linguística entende-se comunidades-ponto identificadas com uma variante ou variedade de língua que se situam geográfica ou socialmente em torno de um núcleo claramente delimitável e coeso.

linguísticas. E, por fim, será apresentada resumidamente a metodologia utilizada para a coleta de dados e, de maneira preliminar, serão elencados alguns fatores que parecem influenciar a manutenção e mudança linguística do vestfaliano em contato nas comunidades analisadas.

2. A IMIGRAÇÃO GERMÂNICA E VESTFALIANA

A imigração propriamente dita de populações germânicas da Europa central ao sul do Brasil teve início oficialmente em 1824², quando aportaram as primeiras famílias alemãs no Rio Grande do Sul, de onde, através de sucessivas migrações estenderam a colonização para amplas áreas do centro-oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná³. A maioria das regiões sul-brasileiras colonizadas por esses imigrantes corresponde não a centros urbanos previamente estabelecidos, mas a áreas que ainda estavam desabitadas. Com o passar do tempo, elas foram sendo subsequentemente urbanizadas. Em grande parte, como observam Altenhofen (1996, 2004) e Roche (1969) essas áreas coincidiram com áreas de mata subtropical que se pretendia colonizar para garantir a fronteira nas mãos do Governo Imperial português. Disso decorreu um isolamento geográfico e social

que ainda perduraria por muitos anos, em algumas localidades ainda até bem recentemente. Esse isolamento, pode-se entender assim, foi responsável pela manutenção das línguas alóctones e, conseqüentemente, contribuiu para a manutenção de situações de multilinguismo que contradizem a concepção inicial de um país monolíngue.

Além disso, a fixação, em certas localidades, de famílias originárias de uma mesma região e que permanecem em certo isolamento pode contribuir para a manutenção do dialeto falado por essas famílias. Como já ressaltado por Koch (1974), o fator geográfico e sócio-cultural é fator determinante para essa manutenção. Ao mesmo tempo, segundo Koch, a manutenção poderia também ser explicada pelo fato de o vestfaliano ser pertencente ao grupo do baixo-alemão, levando os falantes a apresentar maior resistência à influência dos dialetos francônios como o hunsrückisch e mesmo do alemão culto, “por apresentar características fonológicas e um vocabulário bastante diferente desses últimos” (idem, p. 36).

Vale ressaltar também que a origem dos imigrantes teutos não era de uma Alemanha como a conhecemos hoje, e sim de diferentes estados independentes ou mesmo semi-dependentes. A maior parte dos imigrantes da

2 Rambo (1999) ressaltava que podem ter chegado alemães ao Rio Grande do Sul antes dessa data. Para maiores informações sobre a imigração no Rio Grande do Sul, ver Rambo (1999), Müller (2001), Jungblut (2004), Rockembach & Flores (2004)

5. Koch (1974) e Altenhofen (1996)

4. Historiadores, como Dreher (2004), costumam alertar que uma parte considerável e quase majoritária veio de outras regiões da Alemanha que não o Hunsrück propriamente dito. No entanto, como vemos em Altenhofen (1996), nem todo falante de hunsrückisch é originário do Hunsrück, mas ele se impôs mesmo a imigrantes de outras regiões da Alemanha, sobretudo quando esses eram minoria. Muitos vestfalianos e falantes de outras variedades linguísticas, tratam o hunsrückisch como Hochdeutsch, por sua semelhança maior com a língua-padrão.

5. Segundo Lasch (1917 apud Díaz 1996), o uso de Platt no sentido de dialeto foi documentado pela primeira vez em 1876. Já que os imigrantes vestfalianos chegaram ao Brasil por volta de 1874, devem ter incorporado as últimas acepções do vocábulo. No Brasil o termo também é usado pelos menonitas e por outros falantes de variedades de baixo-alemão, como os pomeranos. Na Alemanha, esse termo é utilizado pelos falantes de baixo-alemão mais ao norte de Alemanha. No estudo linguístico, utiliza-se mais o termo Niederdeutsch para essa variedade. Sobre o termo Platt, temos uma análise em LÖFFLER, Heinrich. Gegenstandskonstitution in der Dialektologie: Sprache und ihre Differenzierungen. In: BESCH, Werner et al. (Hrsg.). Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung. Berlin; New York : de Gruyter, 1982. v. 1.1, p. 441-463.

6. Para mais detalhes, ver estudos de Koch (1974), Díaz (1996, 2004), Sulzbach (2004) e Luersen (2007).

Europa central provinha da região do Hunsrück e circunvizinhanças. Também partiram imigrantes já emigrados para outras regiões e países europeus, como por exemplo Romênia, Silésia ou Boêmia. Em termos gerais, com o passar do tempo, a língua minoritária adotada pela maioria dos imigrantes estabelecidos no Brasil e seus descendentes veio a ser o hunsrückisch⁴.

No entanto, embora essa variedade seja a mais extensiva e com o maior número de falantes, há outras variedades germânicas que também fazem parte do quadro multilíngue do sul do Brasil. Entre elas, pode-se citar o vestfaliano e o pomerano, mais comumente chamados de Platt pelo respectivos falantes, pertencentes ao grupo de dialetos do baixo-alemão e que desviam, portanto, mais fortemente do padrão do Hochdeutsch⁵.

3. CONTEXTO HISTÓRICO- LINGUÍSTICO DO VESTFALIANO

Existem, no sul do Brasil, basicamente duas grandes ilhas linguísticas em que o vestfaliano ainda é falado. Como já dito anteriormente, a primeira situava-se no Vale do Taquari (Teutônia, Imigrante e Westfália), onde se estabeleceram os imigrantes

de confissão protestante⁶. Nela ainda há um grau de manutenção linguística maior, como veremos mais adiante. Acrescenta-se a ela o conglomerado de ilhas linguísticas citado por Vandresen (1970) no sudeste de Santa Catarina e que inclui as comunidades de Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Braço do Norte, São Ludgero, Armazém, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Grão Pará. A população dessas localidades descende de imigrantes vestfalianos católicos que vieram para o Brasil em 1860.

Além da diferença de confissão religiosa de seus primeiros imigrantes, temos um quadro de fatores que diferenciam as comunidades pesquisadas, que serão elencados e discutidos. Inicialmente, faz-se necessária uma caracterização de cada um desses núcleos a partir de uma revisão histórica da formação de cada comunidade para analisar a atual situação de contato e manutenção linguística.

3.1 O vestfaliano rio-grandense

A colônia particular de Teutônia, no Rio Grande do Sul, onde se localiza atualmente a cidade de Westfália, Teutônia e Imigrante, foi fundada em 1858. A abertura das picadas à passagem dos humanos e à venda dos lotes, processou-se em três fases. Na primeira, entre 1858

a 1865, foram colonizadas as terras banhadas pelo Arroio Boa Vista, onde atualmente se localiza parte do município de Teutônia, por imigrantes alemães provenientes principalmente do que atualmente é o sul da Alemanha. Já em 1868, veio a primeira leva da Westfália, noroeste da Alemanha, seguida de muitas outras nos anos seguintes. Surgiu com isso a primeira comunidade de imigrantes vestfalianos, na Linha Clara, atual município de Teutônia. A terceira fase da colonização já incluiu a vertente do Arroio da Seca, que liga Estrela a Garibaldi, no atual município de Imigrante e as áreas mais montanhosas dos atuais municípios de Westfália e Imigrante. A região pertencia, até 1981, ao município de Estrela. Hoje, após três emancipações, é formada pelos municípios de Teutônia, Westfália e Imigrante e representa uma ilha dentro da diversidade sócio-étnico-cultural do Rio Grande do Sul (LANG, 1995 e HESSEL, 1983, 1998).

As comunidades de Westfália são, de acordo com Lang (1995) e Hessel (1983, 1998), as que mais se caracterizam pela imigração vestfaliana, inclusive mantendo, de modo ativo, o vestfaliano como língua de comunicação entre a maioria de seus moradores. O nome do município tem origem, inclusive, na homenagem aos imigrantes oriundos do atual estado Nordrhein-

Westfalen, na Alemanha.

O município, emancipado de Teutônia e Imigrante em 1996, conta com uma população de 2.716 habitantes e uma extensão territorial de 64 km², distante 120 km da capital, Porto Alegre. O principal acesso à cidade é pela RS 453 (Rota do Sol), construída na década de 80, a qual promoveu uma facilitação ao acesso, principalmente à Linha Berlim, que se mantinha isolada geograficamente desde sua colonização, o que provavelmente contribuiu para a preservação do vestfaliano (DÍAZ, 1996 e 2004, LUERSEN, 2007).

Com quase 65% da população residindo no meio rural, a base principal da economia de Westfália é a produção primária, na qual se destacam a produção leiteira, a suinocultura, a avicultura de corte e a avicultura de postura. Ao lado da agropecuária, também a indústria, representada por um frigorífico de aves, metalúrgicas, fábrica de móveis e serraria tem significativa importância para o município⁷.

3.2 O vestfaliano catarinense

Em Santa Catarina, as primeiras famílias de colonizadores alemães católicos da região de Westfália, da Alemanha, chegaram em 1860, formando a colônia de Teresópolis.

7. Com base no site: www.westfalia.rs.gov.br; acesso em 20.03.2010

No entanto, as terras não eram próprias à agricultura e, por isso, a maioria dos imigrantes se instalou na região do Vale do Capivari e Braço do Norte, nos municípios atualmente denominados Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Armazém, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna, Braço do Norte, Grão Pará e São Ludgero (VANDRESEN, 1970).

Já a colônia de Rio Fortuna pertenceu à antiga Sesmaria de Laguna e foi fundada em 1881. Localizada no vale do rio do mesmo nome, foi colonizada por alemães de São Bonifácio, em sua maioria. Hoje, conta com 4.468 habitantes, em uma extensão territorial de 283 km²⁸. Sua economia já dependeu unicamente da agricultura, mas atualmente se baseia na extração de fluorita, na piscicultura, na indústria de laticínios e na extração de madeira. O principal acesso à cidade é pela rodovia SC-482, que passa por Braço do Norte. Seus limites geográficos são: ao norte com Santa Rosa de Lima, ao Sul com Grão Pará, Braço do Norte e Armazém; a Leste com São Martinho e a Oeste com Urubici e Grão Pará⁹.

Segundo Vandresen (2006), Rio Fortuna foi formado pela expansão da Colônia Teresópolis-São Bonifácio, por meio da compra de terras pelo imigrantes alemães, provenientes dos dotes das filhas do Imperador D. Pedro

II. Os colonos, em sua maioria falantes de vestfaliano, dependiam administrativamente do município de Tubarão, formada por falantes monolíngues do português.

Formada exclusivamente por imigrantes católicos, a assistência religiosa era esporádica, por meio de padres provenientes de São Bonifácio e São Ludgero. Além do uso do alemão padrão nos eventos religiosos, os imigrantes adultos que chegavam a Rio Fortuna já haviam frequentado escolas alemãs, em que se ensinava o alemão padrão, mas na família e em contatos informais o dialeto vestfaliano era usado (VANDRESEN, 2006). Assim, criou-se uma situação de diglossia¹⁰: vestfaliano (Low), em situações informais, e alemão padrão (High), em situações formais. Havia, no entanto, situações oficiais em que o português era obrigatório. Isso levou a comunidade, segundo Vandresen (2006), a se mostrar interessada em aprender o português, embora seu ensino tenha sido pouco eficiente em virtude das lacunas dos próprios professores, da indisponibilidade de material didático e da pouca oportunidade em usar a língua nacional de forma efetiva. Esse cenário se estendeu até a década de 30, quando houve um favorecimento do uso de português, por meio de ajustes às exigências legais e administrativas, já que Rio Fortuna se tornou distrito de Tubarão, área

8. Fonte: IBGE – Censo 2007.

9. Mais informações em www.riofortuna.sc.gov.br, acesso em 20.03.2010.

10. De acordo com Ferguson (1959) o termo diglossia era inicialmente usado em relação a uma sociedade que usava duas (ou mais) línguas para a comunicação interna (intra-sociedade). O conceito de diglossia tanto pode ser descrito como uma situação estável de contato entre duas variedades da mesma língua, quanto estendido a situações em que duas ou mais línguas estão em contato e cada uma delas tem sua função específica.

exclusivamente monolíngue em português. Esse processo teve seu ápice, em Rio Fortuna, em 1942, quando os efeitos da Campanha de Nacionalização do Ensino foram sentidos na comunidade, levando, atualmente, à restrição e desmotivação no uso do vestfaliano, o que faz com que a cada geração haja menos falantes desse dialeto.

Até a década de 1930, toda a área de colonização vestfaliana, tanto riograndense quanto catarinense, ficou quase completamente isolada da cultura brasileira, com cujos membros mantinham somente contatos comerciais esporádicos. Nas comunidades, só se falava vestfaliano ou se aprendia o Hochdeutsch, ensinado nas escolas mantidas pelos próprios colonos. Mais tarde, com a Campanha de Nacionalização do Ensino, houve a proibição do ensino de alemão e suas manifestações públicas. Com isso, as escolas foram fechadas e a situação bilíngue alemão-vestfaliano se modificou drasticamente. O português tornou-se a língua oficial da escola e conseqüentemente, formou-se uma geração bilíngue português-vestfaliano.

3.3 Estudos da variedade linguística em contato

Há poucos dados sobre a quantidade de falantes de vestfaliano e sua

situação de manutenção. Tampouco se conhece um estudo aprofundado das características do português falado em áreas bilíngues de contato com o vestfaliano. Nos dados oficiais, normalmente consideram-se todas as formas de expressão dos descendentes de imigrantes alemães como uma língua só. Isso, por si só, já merece um olhar mais aprofundado sobre essa língua. Vandresen (1971) é o primeiro a abordar o vestfaliano em sua tese, quando foi analisado a fonologia do dialeto em Rio Fortuna, uma colônia alemã fundada em 1881, no sudoeste de Santa Catarina. Vandresen considera em seu estudo quatro grupos de bilíngues diferentes: (1) um grupo de falantes que estavam em idade escolar até 1932 e tiveram somente escolaridade em alemão. Desses falantes, só alguns falavam o português, pois a língua dominante nas interações linguísticas era o vestfaliano; (2) um outro grupo, dos que frequentaram a escola no período próximo à Segunda Guerra Mundial, entre 1932 e 1944, é de falantes nativos do vestfaliano que aprenderam alemão-padrão e português na escola e também falavam predominantemente vestfaliano; (3) o terceiro grupo foi escolarizado depois de 1944; os falantes eram nativos de vestfaliano, aprenderam português na escola, falavam entre si exclusivamente o português, mas com as gerações mais velhas falavam vestfaliano; (4) a geração

que estava na escola na época da pesquisa, a partir de 1964, aprendeu, quase que simultaneamente, o vestfaliano e o português e falava quase só português.

Para Vandresen, o primeiro e o segundo grupos tiveram maior eficiência de expressão no alemão-padrão e um menor índice de alternância para o português. Já no caso das gerações mais novas, a alternância se deu de maneira mais evidente. Ele menciona alternâncias lexicais em forma de empréstimo de palavras e alternâncias ao nível fonológico, com o surgimento de algumas oposições fonológicas.

Um segundo estudo, de ordem dialetológica é o de Koch (1974, cap. 2), intitulado *Idioleto e dialeto numa colônia vestfaliana*. Seu objetivo foi determinar a origem na Alemanha do dialeto falado em Linha Clara, atual Teutônia. Koch fez um levantamento do vocabulário usual dessa comunidade, que, para o autor, pode ser considerada “relativamente livre de impurezas” (KOCH, 1974, p. 35) pela sua colonização mais uniforme e pelo seu grau de isolamento. O autor usa um questionário de 175 frases, baseado no Atlas Linguístico da Alemanha (Deutscher Sprachatlas – DAS) e no Atlas Vocabular da Alemanha (Deutscher Wortatlas, DWA). O resultado mostra que o vestfaliano daquela localidade, abstraídas as influências do português e de

dialetos francônios, corresponde à variante do vestfaliano falada na região de Ecklenburg, Lengerich e Osnabrück, localizadas no atual estado de Nordrhein-Wetsfalen, na Alemanha.

Em uma pesquisa mais recente sobre o vestfaliano rio-grandense, Díaz (1996, 2004) descreve a situação do vestfaliano falado em Berlim, localidade do município de Westfália, Rio Grande do Sul. Em Díaz (1996), a situação linguística do vestfaliano é descrita através de dois tipos de entrevistas. A primeira foi realizada sistematicamente dentro e fora de Berlim, com pessoas, que, por suas características socioculturais, linguísticas e de idade, faziam parte do que ela chama de “falantes comuns” (1996, p. 279). A outra entrevista foi elaborada para pessoas que, segundo ela, eram “representantes de especialidades” (p. 281), ou seja, sabiam fazer algo de especial (artesanato) ou tinham uma função social (pastor de igreja).

O artigo inclui, além disso, uma interessante descrição social e etnográfica da comunidade, que se encontra em contato com outras comunidades de etnias diferentes (hunsrückisch, italiana e lusa).

Díaz (2004) enfatiza que o vestfaliano tem se mantido de maneira surpreendente em Berlim primeiramente em virtude da localização geográfica da

comunidade e, em segundo lugar, pelo caráter endógeno de sua estrutura social. No entanto, para as três gerações futuras, a autora prevê o desaparecimento quase total da língua falada pelos habitantes daquela comunidade. Isso se daria pelo crescente aumento no uso de português rio-grandense. Outra constatação interessante da pesquisadora é que não é o prestígio ou o desprestígio social das variedades disponíveis que determinam o uso de uma ou de outra língua, mas o bilinguismo ou monolinguismo dos participantes em interação em uma conversa.

Sulzbach (2004), em sua tese de doutorado, também se detém a examinar o vestfaliano falado em Linha Schmidt, município de Westfália-RS, localidade vizinha à estudada por Díaz. A pesquisadora faz um estudo sociolinguístico de duas variedades denominadas por ela de *Brasildeutsch*: o *hunsrückisch* e o vestfaliano, com o objetivo de analisar o uso ativo das diferentes línguas naquela comunidade, além do português. Ela faz um estudo da interferência do português nas gramáticas das línguas alemãs. Segundo ela, a manutenção das línguas se dá pelo fato de ambas terem integrado palavras do Português e ajustado a gramática e a pronúncia para o uso da sua língua de origem alemã.

Por fim, Vandresen (2006) retoma o tema de sua tese em um artigo em

que descreve as várias etapas de inserção da língua portuguesa em Rio Fortuna, no Vale do Tubarão, em Santa Catarina. Uma ênfase especial é dada ao papel da escola nessa inserção, analisada em três momentos da política linguística do poder público em relação ao uso das línguas em contato na sala de aula:

- a) a escola particular alemã; b) a reforma de Orestes Guimarães, que a partir de 1911 passou a exigir o ensino de português em todas as escolas e, ao mesmo tempo tornava obrigatório o estudo de alemão ou italiano para os alunos da Escola Normal ou do Curso Complementar que quisessem atuar nas áreas de colonização estrangeira; c) a Campanha da Nacionalização do Ensino que a partir de 1937 proibiu o ensino de línguas estrangeiras e fechou as escolas étnicas, substituindo-as por escolas públicas, com uso exclusivo do português como meio de ensino. (VANDRESEN, 2006, p. 326)

Ele conclui que, quarenta anos depois de sua tese, somente o grupo de idosos ainda fala o vestfaliano em Rio Fortuna e nem se percebem mais interferências fonológicas nas gerações mais jovens. Isso mostra, segundo ele, um caso de substituição linguística. Rio Fortuna estaria passando aceleradamente de um estágio de bilinguismo vestfaliano-português para um monolinguismo em português. Vandresen elenca vários fatores para esse fenômeno, entre os quais destaca a atuação de professores monolíngues, a proibição rígida do alemão, a situação de diglossia do vestfaliano em relação ao alemão-padrão e ao português, a restrição

do uso do vestfaliano a contextos cada vez mais específicos e, por fim, o papel dos padres e das religiosas no fortalecimento do uso do português na comunidade.

Outros estudos sobre a diversidade dialetal em regiões de colonização alóctone no Sul do Brasil, entre eles Leão (2007), Schneider (2007), Pertile (2009), Vandresen (2006), Diaz (2004), revelam que as línguas minoritárias estão sendo relegadas em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas mais jovens. Outro fator a ser ressaltado é que o português falado nessa região também assumiu traços específicos que refletem a sua constituição social e multiétnica, distinguindo-o, por isso, do português falado em outras regiões e da variedade-padrão.

Em relação aos estudos sobre o vestfaliano, diferentemente de estudos do hunsrückisch¹¹, ainda não há muitos dados concretos sobre a situação de uso e manutenção do vestfaliano atualmente. Revisitando Rio Fortuna-SC, sobre o qual desenvolveu estudo em 1970, Vandresen (2006) defende que somente o grupo de idosos ainda fala o dialeto vestfaliano na localidade. Além disso, para Vandresen, a ausência do ensino de alemão passou a elevar a importância e o prestígio do português, e:

era falado em contextos cada vez mais restritos, levando seus falantes a uma reduzida competência linguística. Como consequência, diminuiu a motivação para usar o vestfaliano, mesmo nas relações familiares. Hoje só os mais idosos são fluentes neste dialeto (VANDRESEN, 2006, p.336).

Por outro lado, no entanto, a diversidade cultural dos vestfalianos representa atualmente um atrativo muito importante para o turismo na região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, onde o vestfaliano é mais conhecido como sapato-de-pau¹². Existem corais organizados que cantam músicas em vestfaliano, um grupo característico de danças que usa como calçado típico o sapato-de-pau. Um grupo de jovens de Berlim, no interior de Westfália, também apresenta peças teatrais nessa língua materna¹³. Além disso, ele pode ser encontrado como um monumento-símbolo tanto em Teutônia como em Westfália, estampado em locais públicos.

Um dos principais eventos que ilustram a identidade étnica e linguística da comunidade eram Encontros de Sapato-de-Pau. Realizados a cada dois anos, neles os falantes se reúnem para diversas atividades: religiosas (culto em vestfaliano), culturais (coral, danças, exposições) e esportivas (futebol com sapato de pau). Atualmente, existe no município de Westfália o dia do Sapato-de-Pau, momento em que se procura

o vestfaliano, por outro lado, além de perder falantes a cada nova geração,

11. Para mais detalhes ver Altenhofen (1996). A importância deste estudo está na representatividade dos dados apresentados. Ele é o primeiro que apresenta uma visão mais ampla da variação do hunsrückisch falado no Brasil. Os dados foram coletados em dez pontos distribuídos por duas grandes áreas do Rio Grande do Sul, nas chamadas Colônias Velhas e Colônias Novas.

12. O termo é desconhecido em Santa Catarina.

13. Para uma discussão sobre as concepções de língua materna, ver Altenhofen (2002) e Spinassé (2006).

falar essa variedade também nos órgãos públicos. Além disso, há um projeto em andamento para que sejam ensinadas língua e cultura vestfaliana nas escolas do município.

4. SITUAÇÃO DA MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA: ANÁLISES PRELIMINARES

Ao se fazer a análise do vestfaliano falado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, convém esclarecer que estamos lidando com variedades dialetais. Quando se fala em dialeto, deve-se levar em conta que o termo está sendo usado no sentido de ser uma variedade de língua diferenciada de acordo com o usuário, com uma limitação geográfica. Grupos diferentes de pessoas no interior da comunidade falam diferentes dialetos. O dialeto é, portanto, decorrente da variação presente na língua, visto que esta não é usada da mesma maneira por todos os falantes em todas as situações e limitada geograficamente. Se de um lado os pontos pesquisados neste trabalho estão circunscritos geograficamente dentro de uma variedade dialetal do português, o português rio-grandense¹⁴, também estão inseridos, em função do bilinguismo, em uma

variedade do alemão (no caso o vestfaliano), criando uma situação de contato linguístico. No entanto, deve-se enfatizar que mesmo as duas comunidades sendo descritas como de origem dialetal vestfaliana, encontram-se variações marcantes na mesma variedade, podendo-se falar, talvez, mais de um dialeto do vestfaliano.

Uma das consequências do contato linguístico é o bilinguismo, definido por Mackey (1972) como um conceito relativo que envolve a habilidade de uso de duas línguas. Nos contextos de contato do vestfaliano com outras variedades parece mais adequado falar em plurilinguismo, dado que a maioria dos falantes na verdade tem contato com o vestfaliano, o português e o hunrüsckish (mais presente no Rio Grande do Sul). A produção linguística de um plurilíngue se dá em diferentes graus de competência, dependendo da função de cada língua na vida dos falantes, das atitudes linguísticas da comunidade e de políticas linguísticas da comunidade majoritária, especialmente na escola.

Em março de 2010, foram feitas entrevistas com 24 (12 homens e 12 mulheres) falantes de vestfaliano no município de Westfália, Rio Grande do Sul e de Rio Fortuna, Santa Catarina. O questionário foi adaptado do ALMA-H (ALTENHOFEN & THUN,

14. Falado no RS e em parte de Santa Catarina.

2008)¹⁵, com base da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1996), dividido em entrevista semidirigida, questões de avaliação metalinguística de frases propostas (tradução português para vestfaliano e alemão-padrão para vestfaliano), além de fala espontânea, motivada por perguntas pessoais e sociais em português e, quando possível, em vestfaliano. Com o principal objetivo da coleta é ter dados acústicos para uma tese *A dinâmica do contato linguístico português e vestfaliano no sul do Brasil: uma análise pluridimensional*, UFRGS, RS), em que serão avaliados o grau de presença de determinados traços fonéticos do vestfaliano presentes na variedade do português, o que também pode nos trazer informações sobre o atual estado de manutenção e substituição linguística das variedades minoritárias das comunidades envolvidas na pesquisa.

A escolha desses pontos teve como partida alguns critérios e características. Entre eles, o principal, é o fato de ter a presença de núcleos populacionais descendentes de vestfalianos. Desse modo, procurou-se garantir que os pontos fossem representativos da variedade do português em contato com o vestfaliano na região Sul do Brasil. Em segundo lugar, decidiu-se por representar núcleos fronteira a outras colonizações. Tanto a ilha linguística gaúcha

quanto a catarinense não é formada homoganeamente por imigrantes exclusivamente vestfalianos, embora a história da colonização mostre que, por ter sido tardia, houve a ocupação de áreas mais isoladas. No entanto, essa população manteve contato com outras línguas, por meio da mobilidade social e econômica. Porém, mesmo com essa mobilidade e o pequeno número de falantes, houve a manutenção dessa variedade nos núcleos pesquisados, em maior ou menor grau de bilinguismo.

Buscou-se também assegurar que os pontos fossem representativos de um núcleo social, que se identificasse como tal e que, de certa forma, compartilhem normas e atitudes em comum sobre o uso da língua. Nesse sentido, é preciso levar em conta dois aspectos importantes. O primeiro deles é em relação aos processos sociais e linguísticos das línguas em contato e as condições de aquisição da língua majoritária, no caso, o português. Isso permite ter um quadro mais claro da situação de manutenção e substituição linguística em que se encontram as comunidades pesquisadas¹⁶.

Todas as dimensões e parâmetros, de acordo com a proposta metodológica pluridimensional (ver THUN, 1996) estão sendo previstas, no entanto, diferentemente do que se costuma fazer nas coletas de dados para

15. *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Baía do Prata (ALMA)*.

16. *Como grupos de controle, também se fez coletas de dados de falantes monolíngues em português, no Brasil e de falantes de vestfaliano, na Alemanha*.

a mapas linguísticos de análise pluridimensional (ALMA-H, ADDU, ALGRS, por exemplo¹⁷), optou-se em ter dados de 3 gerações na pesquisa que está sendo desenvolvida. Assim, tem-se:

GIII - Ca	GII - Ca	GI - Ca
GIII - Cb	GII - Cb	GI - Cb

A Classe A é composta de falantes com ensino superior, enquanto a Classe B engloba a categoria dos falantes com Ensino Fundamental ou Médio Incompleto. Em relação às gerações temos: GIII, falantes com mais de 55 anos; GII, falantes entre 37 e 55 anos; GI, falantes entre 18 e 36 anos. As pesquisas na área da Dialetologia Pluridimensional preveem entrevistas com a geração mais nova (denominada GI) e dos que estão acima dos 55 anos (denominada GII).

Uma vez esclarecidos resumidamente a metodologia da coleta de dados, passaremos à análise de algumas observações empíricas e etnográficas preliminares, já que os dados ainda estão sendo analisados.

Em primeiro lugar, vale ressaltar a impressão visual que se teve ao chegar a cada comunidade. Enquanto que Westfália mantém traços arquitetônicos como

marca da imigração alemã, Rio Fortuna não apresentou nenhuma característica nesse sentido. Podemos ver isso a partir de fotografias das prefeituras. Na cidade de Westfália, a prefeitura foi construída em estilo enxaimel, enquanto que na de Rio Fortuna não há nenhuma associação à imigração alemã. Além disso, as lixeiras do município de Westfália são em formato de sapato-de-pau, alusão ao dialeto falado pelos descendentes de vestfalianos, que usam esse termo para autodesignar a língua que falam.

Em segundo lugar, em relação à manutenção da língua, em Rio Fortuna, como Vandresen (2006) havia enfatizado, há somente falantes da Geração III, os falantes da geração II somente entendem o vestfaliano ou falam esporadicamente com a geração mais velha, enquanto que os mais jovens não o falam e nem o compreendem. Na cidade de Westfália, principalmente na localidade de Berlim, ainda se encontram falantes com proficiência entre os mais jovens, embora eles assumam que estão começando a usar mais o português também nas conversas entre amigos, restringindo-se o uso do vestfaliano ao contato familiar.

O terceiro aspecto a ser ressaltado é em relação à atitude da comunidade de fala em relação à língua minoritária. A existência

17. ALMA-H refere-se ao Atlas do *hunn-rüschkisch* (O projeto ALMA é coordenado por Harald Thun - CAU-Kiel e Cléo Vilson Altenhofen - UFRGS), ADDU: Atlas lingüístico Diatópico y Diastático del Uruguay e ALGR: Atlas lingüístico Guaraní-Románico (coordenados por Harald Thun - CAU-Kiel).

de algum tipo de ação e promoção de eventos voltados para o resgate e a valorização da cultura alemã em geral, e da vestfaliana em específico, representa, em tese, atitudes positivas e relação à etnicidade. Isso pode demonstrar, de certa forma, uma relação de diglossia entre as línguas em contato (FERGUSON, 1974), levando-se a considerar que pode existir uma atitude de acomodamento ao grupo social da língua majoritária em que se está inserido ou, por outro lado, a preferência de manter as divergências linguísticas como atitude de identidade e lealdade ao grupo minoritário.

Nesse sentido, novamente vemos em Westfália uma ação no sentido de preservar a língua materna alóctone. Segundo as entrevistas realizadas, há um projeto de inserção da língua vestfaliana como disciplina nas escolas do município. Todos os sujeitos, quando inquiridos sobre a questão, veem-na de forma positiva, o que pode ser um fator de manutenção linguística.

Em Rio Fortuna, a questão do não uso do vestfaliano não parece acarretar maiores discussões na comunidade. A geração mais velha sente a perda do dialeto, mas seu uso também se restringe aos encontros semanais da igreja, em que participam os mais velhos e a conversas cada vez mais esporádicas entre familiares.

Em relação à influência da igreja na manutenção da língua, parece haver um consenso dos entrevistados que a igreja evangélica ajuda a promover a manutenção, já que ainda há cultos em alemão nas comunidades evangélicas gaúchas analisadas. Na igreja católica, desde a repressão ao uso da língua alemã em território brasileiro, as missas são realizadas em língua portuguesa.

Por último, um fator que merece ser abordado é o fato de os falantes gaúchos de vestfaliano também terem proficiência no hunsrückisch e, por conseguinte, também parcialmente no Hochdeutsch. Na parte de tradução alemão-vestfaliano, as frases faladas em Hochdeutsch foram satisfatoriamente traduzidas por todos os sujeitos entrevistados na Westfália, mesmo não tendo tido ensino regular de Alemão na escola. Esse método só foi possível em Rio Fortuna para os sujeitos que tiveram alemão ensinado na escola. Esse fato pode estar associado à mobilidade dos falantes de Westfália. Os contatos sociais no centro de sua cidade, em Teutônia e em Imigrante, são também desenvolvidos em hunsrückisch, que ainda é falado nesses pontos. No entanto, considera-se o vestfaliano como variedade High em relação ao hunsrückisch. Já em Rio Fortuna, há somente uma localidade do interior em que é falado o hunsrückisch (Rio

Claro). Numa relação diglósica, essa variedade é mais High para os falantes do vestfaliano, considerado mais bonito e mais próximo da variedade padrão do alemão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já enfatizado acima, as análises são preliminares. Deve-se ressaltar, no entanto, que se vê em ambas as comunidades a progressiva substituição dos dialetos germânicos pelo português, que, além de língua majoritária e oficial, é a língua de prestígio nas comunidades analisadas.

Embora haja nas regiões de imigração alóctone uma grande ênfase a manutenção da cultura trazida pelos imigrantes, parece que isso não se aplica à língua minoritária falada nessas comunidades. Em maior ou menor grau está havendo a gradual substituição linguística dessas variedades a favor do português. A questão é complexa, já que no Brasil tem-se a cultura do monolinguismo exclusivo português, conforme aparece inclusive na Constituição Federal. Enquanto outros países buscam no plurilinguismo a saída para o equilíbrio cultural, no Brasil ainda se ignora essa realidade não só presente no sul do País, mas também na região Sudeste, sem falar em todas as variedades

linguísticas indígenas que estão sendo aos poucos substituídas pela língua majoritária. Nesse sentido, ainda está em tempo de rever essa política e, quem sabe, desenvolver uma sociedade culturalmente sensível à variação e às variedades linguísticas.

6. REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. A constituição do corpus para um Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, v. 51, p. 135-165, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. In: *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)*, Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt*

- mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. Fragebogen für das Hunsrückische: Pluridimensionaler Teil. Questionário para o Hunsrückisch: Parte Pluridimensional. Kiel: C.A.U./Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- DÍAZ, Norma. "...und in welcher sprache träumst du?" "Da kür ik ma portugûês". In: RADTKE & THUN (Herausgeber). Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21. – 24.10.1991). Kiel: Westensee-Vert, 1996;
- DÍAZ, Norma Esther. Sprachkontakt in Novo Berlim (Rio Grande do Sul). Frankfurt am Main: Peter Lang, 2004.
- DREHER, Martin N. Livros de Registro da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil (século XIX). 2.ed. São Leopoldo: Unisinos (CDROOM)
- HESSEL, Lothar. O município de Estrela. História e Crônica. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS/Martins Livreiro, 1983.
- HESSEL, Lothar. Município de Imigrante. ed. Porto Alegre: Evangraf, 1998.
- JUNGBLUT, Roque. Porto Novo. Um documentário histórico. Itapiranga: Editora SEI FAI, 2004.
- KOCH, Walter. Os falares alemães no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- LANG, Guido. Colônia Teutônia – História e Crônica: 1898 a 1908. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- LEÃO, Paula Biegelmeier. Transmissão intergeracional do alemão em contato com o português em Vale Real, RS. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado.
- LUERSEN, Rosane Werkhausen. O vestfaliano em contato com o português no Sul do Brasil. Anais do I Fórum Internacional da Diversidade Linguística: por uma política para a Diversidade Linguística no ensino de línguas. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (CDROOM)
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. Reading in the sociology of language. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584.
- MÜLLER, Telmo Lauro. 175 anos de imigração alemã. Porto Alegre: Edições EST, 2001.
- PABST, Christiane M. O "continuum" entre "ilha lingüística" e "comunidade de falantes" demonstrado da comunidade João Pinheiro – MG. In: GEL 52, 2004. P. 363-365.

PERTILE, Marley Terezinha. O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro : manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese de Doutorado.

RAMBO, Arthur Blásio. (Trad.) Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

ROCKENBACH & FLORES. Imigração alemã: 180 anos – história e cultura. Porto Alegre: CORAG, 2004.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

ROMAINE, Suzane. Bilingualism. Oxford: England. Blackwel Publishers Ltda, 1995.

SCHNEIDER, Maria Nilse. Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese de Doutorado.

SULZBACH, Luciana. Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch. Universität Hannover, 2004.

VANDRESEN, Paulino. Política Linguística e Bilinguismo em uma Comunidade Teuto-Brasileira. In: VANDRESEN, Paulino (org.). Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul. Pelotas: EDUCAT, 2006.

_____. Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna. Porto Alegre. Tese de Livre Docência em Letras: PUCRS, 1970.

VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane (org.). Multilinguismo. Campinas: UNICAMP, 1989.

WEINREICH, Uriel. Languages in Contact. Findings and Problems. London: The Hague, 1964.

WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2. ed., ilustr., rev. e ampl. São Paulo : Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1980. 467 p. (1. ed. 1946) (Brasiliana; v. 250.)